

Economistas debatem saídas para a crise

"No longo prazo todos estaremos mortos", lembrou ontem o Presidente do Banco Central, Francisco Gros, ao citar a pergunta que mais ouve no momento: o que fazer até que o País saia da recessão? Gros não deu a resposta, mas reafirmou que o Governo não vai recorrer a novas mágicas que aliviem os sacrifícios do ajuste econômico. Para o ex-Ministro da Fazenda Luis Carlos Bresser Pereira, no entanto, a resposta é conhecida: é preciso um novo congelamento de preços e salários, senão a única alternativa passa a ser a dolarização.

Gros, Bresser e muitos outros economistas e empresários lotaram ontem o salão de reuniões da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para participar do IV Fórum Nacional, organizado pelo Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), que tem como presidente o ex-Ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso. Entre os presentes encontravam-se ex-Ministros como Bresser e Velloso, Mário Henrique Simonsen e Maílson da Nóbrega, empresários como Edson Muda, Presidente da Rhodia.

Enquanto Bresser voltou a insistir no congelamento, os demais não chegaram a consenso sobre como sair da crise. Os enfoques foram bem diferenciados.

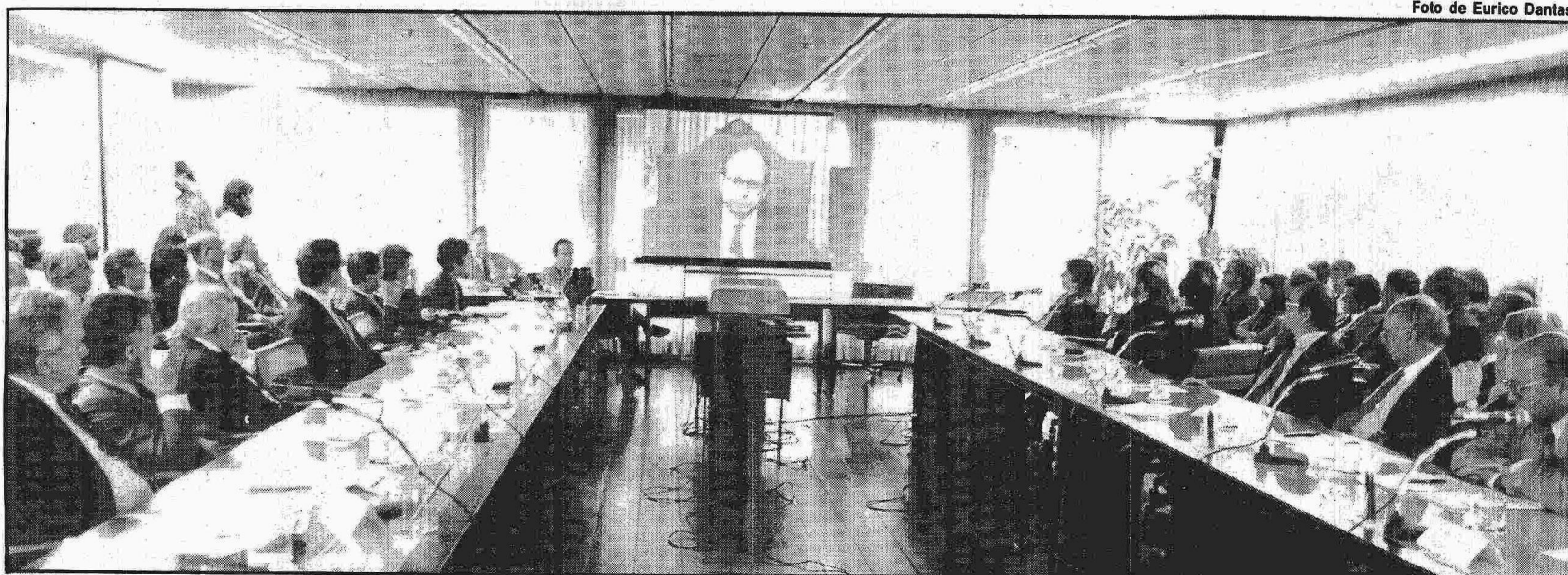


Foto de Eurico Dantas

No salão de reuniões do BNDES, participantes do Fórum Nacional assistem ao depoimento previamente gravado do Ministro Marcílio Marques Moreira

O Senador Eduardo Suplicy, por exemplo, lançou o "Programa de Garantia de Renda Mínima", de sua autoria, em tramitação na comissão de assuntos econômicos do Senado. Se aprovado, o projeto beneficiaria, através do imposto de renda negativo, todos os maiores de 25 anos que tiverem renda inferior a Cr\$ 100 mil. O imposto negativo, segundo ele, consiste na complementação salarial em 30% da diferença entre o rendimento e os Cr\$ 100 mil.

Maílson da Nóbrega foi um

dos que preferiu falar da conjuntura. Segundo ele se o Governo tiver sorte pode haver queda da inflação em dezembro, mas não há garantias de que esse resultado permaneça nos meses seguintes. Na opinião dele, é preciso um grande acordo político para consolidar a estabilização da economia, já que isso passa necessariamente por mudanças na Constituição.

Simonsen, que foi um dos expositores, se ateu ao tema "bases para uma proposta de refor-

ma fiscal no Brasil". Ele defendeu a simplificação do sistema tributário, embora não ao ponto de se chegar ao imposto único, o que segundo ele seria um "salto no escuro". Disse, também, que a Previdência Social deve ter um orçamento separado do da União, sob pena de o orçamento geral ser engolido pelo da seguridade social. Já o ex-Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, acredita que a política monetária austera (envolvendo, principalmente, taxas de juros

bem acima da inflação) é a forma de se chegar à estabilização.

Bresser, que quando foi Ministro também fez um congelamento, insistiu na idéia porque acha que agora as condições são melhores: o ajuste fiscal está quase pronto, câmbio e preços estão alinhados. Mas admitiu que desorganizados como estão os salários seriam um problema. Ele acredita que o congelamento deveria ser pactuado e durar dois meses.